GARRA É MAIS FORTE QUE O SOFRIMENTO

Denise Rothenburg

Da equipe do **Correio**

“Eu vou ganhar do sofrimento”. A frase foi dita pelo presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), aos senadores Geraldo Melo (PSDB-RN) e Êlcio Álvares (PFL-ES), em seu gabinete, depois de uma manhã de homenagens póstumas ao filho e herdeiro político Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA).

Com os olhos marejados e momentos de choro, Antônio Carlos marcou a sua volta a Brasília ontem com um discurso no Palácio do Planalto, o primeiro desde a morte do filho. Defendeu a retomada das votações das reformas e garantiu ao presidente Fernando Henrique que irá fazer parte do trabalho que estava a cargo do líder do governo, Luís Eduardo.

BRILHO

“Sou mais hoje do que era ontem, pois hoje sou eu e um pouco dele. Agora sou dois. Eu e uma parte dele, embora sem o mesmo brilho e a mesma garra”, disse com a voz embargada, durante a reunião do presidente Fernando Henrique com os ministros e líderes numa homenagem póstuma a Luís Eduardo Magalhães e ao ex-ministro das Comunicações, Sérgio Motta.

“Os parlamentares e os amigos levarão em frente suas idéias, que não se completam sem que se votem urgentemente as refor-

mas. Se Luís Eduardo não lhe faltou, mesmo desaparecido ele não lhe faltará”, disse Antônio Carlos, encerrando seu discurso em lágrimas.

BAHIA

A batalha interna para conter o choro e retomar as atividades políticas começou logo pela manhã. Antes mesmo da missa de 7ª dia pela morte de Luís Eduardo, o senador dizia a amigos que pretende até sexta-feira definir quem será o sucessor de seu filho na disputa pelo governo da Bahia, porque a pressão para que ele (ACM) seja candidato está muito forte. A alguns, informou textualmente que não pretende ser candidato ao governo estadual, mas ainda não bateu o martelo.

Disse ter lido todas as notícias a respeito da morte do filho e até achou graça de algumas que se referiam ao ex-líder do governo como um político à sombra do pai. *“Engana-se quem acha que eu fazia a cabeça do deputado. Às vezes, era ele quem fazia a minha. Antes eu era estatizante e ele me mostrou a importância da privatização”*, recordou.

Aos senadores, não escondia a necessidade de voltar logo à ativa: *“Hoje vou presidir a sessão de votação dos planos de saúde. Já se passou muito tempo e temos que votar. Temos que votar ainda a redação final da reforma administrativa. Temos que votar, temos que votar.”*

A emoção falou mais alto durante todo o dia. Na missa, pela manhã, na Catedral de Brasília, Antônio Carlos cumprimentou cerca de 500 pessoas durante uma hora, de pé, em frente ao altar — uns, como o governador do Ceará, Tasso Jereissati, arrancaram lágrimas de seus olhos ao abraçá-lo.

Em outros casos, ele aguentou firme. Como na sessão solene da Câmara, onde 19 deputados exaltaram Luís Eduardo como líder e exemplo de articulador político. Do PFL ao minúsculo PV, todos os partidos prestaram homenagens. Miro Teixeira (PDT-RJ) deixou a tribuna às lágrimas. José Genoíno (PT-SP), emocionado, lembrou que Luís Eduardo encantava quem fazia política e que é um exemplo a ser seguido.

FAMÍLIA

Na primeira fileira de cadeiras do plenário, onde seu filho costumava sentar, dona Arlete, a nora Michele, mulher de Luís Eduardo, e os netos Carolina, Paula e Luís Eduardo Júnior acompanharam a sessão e todas as homenagens.

Ao descerrar a foto do filho na galeria de ex-presidentes da Câmara, ACM não conseguiu se conter. Logo que Michel Temer puxou o pano, o senador puxou o lenço. Olhou para a foto de Luís Eduardo, que presidiu a Casa em 1995 e 1996, mas não se demorou. Logo seguiu com a família para seu gabinete.